

CORPO DE DELITO

“Venha, venha, Sr. Graça”

Em matéria de boa intenção e desenrascanço, a condutora, tal como todos os compatriotas, era insuperável



Rui Patrício

Agora que passaram umas semanas sobre os ardores e os desgostos que a participação portuguesa no Europeu de futebol provocou – como é costume, em registo bipolar – e está instalada a dormência tola do Verão, conto uma historieta antiga, que será a minha forma de contribuir para a reflexão sobre os mistérios do ser-português (seja lá isso o que for). Também poderia alinhar meia dúzia de lugares-comuns, mas prefiro a historieta. Não por antipatia pelo lugar-comum (como escreveu Rubem Fonseca, não me incomoda, é sempre a concepção clara de uma realidade, ainda que gasto pelo abuso). Mas a historieta tem o seu pitoresco, e é também a minha forma de homenagear a protagonista, generosa como não há outra.

Nessa altura, ela ainda conduzia, entretanto desistiu. Não gostava de

conduzir, não conduzia muito bem, e o automóvel que tinha, nessa altura como noutras, não estava nas melhores condições, por falta de dinheiro, ou por falta de organização e planeamento para os arranjos, ou por excesso de optimismo sobre o seu bom funcionamento, apesar dos problemas de mecânica e outros, ou por tudo isso junto. A verdade é que, na altura, os travões do automóvel falhavam, e a condutora tinha especial dificuldade (para não dizer incapacidade) em fazer ponto de embraiagem. Vai daí, parar era um martírio, e das duas uma: ou arranjava um sítio plano ou, quando lhes dava para aí, os travões funcionavam. Se não estavam para aí virados e se não havia sítio plano, o automóvel não parava. A condutora andava sempre com o credo na boca, mas conduzia e esperava que tudo corresse pelo melhor, não só porque era optimista por natureza, mas também porque tinha necessidade de conduzir. E, como diz o ditado, a fome e o frio põem a lebre ao caminho.

Nesse dia, mais uma vez conduzia porque tinha de ser, fiada em que tudo se resolveria. A meio do caminho avistou o Sr. Graça, um colega de trabalho

que pedia boleia. Logo decidiu dar-lhe boleia, apesar de o sítio não ser plano. Deitou o pé ao pedal dos travões, e estes nada. Deitou outra vez, e nada. O carro não parava, passou pelo Sr. Graça e deitou a cabeça de fora, gritando-lhe: “Venha, venha, Sr. Graça”. O Sr. Graça foi, correu atrás do carro, fiado no incentivo amável da condutora. Esta, generosa como não há, tentava que os travões respondessem (sem êxito) ou esperava chegar a um lugar plano para parar, e novamente disse, com a melhor das intenções: “Venha, venha, Sr. Graça.” Mas não houve optimismo e generosidade que lhe valessem. Os travões não responderam, não encontrou lugar plano e o Sr. Graça, esbaforido, ficou para trás. E não lhe levou a mal. Português que é, percebeu que a intenção era a melhor, que ela tinha esperado que tudo se resolvesse, que falhara o planeamento, que a organização não era boa, que o automóvel era um chação, mas que em matéria de boa intenção e desenrascanço a condutora, tal como ele e todos os compatriotas, era insuperável. A nossa generosidade trata com muito carinho os nossos defeitos.

Advogado. Escreve ao sábado



Um relato pitoresco sobre a condução de automóveis

GETTY IMAGES